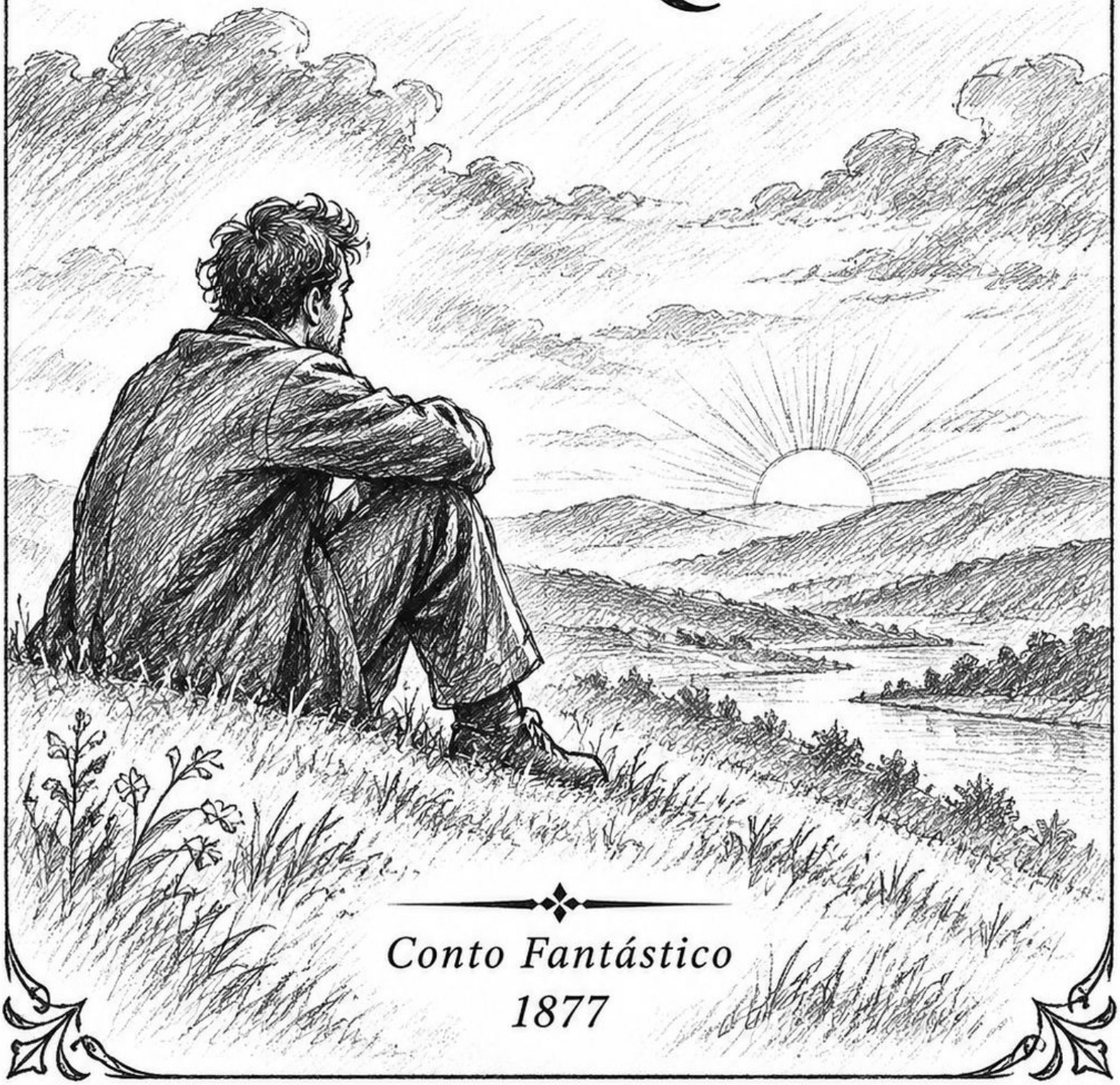
Fiódor Dostoiévski

O Sonho de um Homem Ridículo



Conto Fantástico

1877

COLEÇÃO CLÁSSICOS DA LITERATURA MUNDIAL

O Sonho de um Homem Ridículo

Fiódor Mikhailovitch Dostoiévski

Conto fantástico — 1877

Ficha editorial

Título original: Сон смешного человека

Publicação original: 1877

Idioma original: Russo

Idioma desta edição: Português brasileiro

Gênero: Conto fantástico e filosófico

Tradução: Direta do russo

Edição: 1ª edição digital — 2026

Responsabilidade editorial: Instituto Prisara

Distribuição digital: eCursos Livres

Direitos da obra original: Domínio público

Nota editorial

Esta edição busca preservar a narrativa em primeira pessoa, as reflexões filosóficas e as características literárias do autor. A tradução não foi submetida a revisão profissional bilíngue independente.

Fonte do original: Wikisource russa

Instituto Prisara • Biblioteca Digital eCursos Livres

www.ecursoslivres.com.br

www.institutoprisara.com.br

Brasil — 2026

Sobre o autor

Fiódor Mikhailovitch Dostoiévski (1821–1881) foi um escritor russo cuja obra investiga a consciência humana, a liberdade, a culpa, a fé e a responsabilidade moral. Entre seus romances mais conhecidos estão Crime e Castigo, O Idiota, Os Demônios e Os Irmãos Karamázov. Sua experiência de prisão e exílio na Sibéria marcou profundamente sua trajetória literária.

Sua narrativa é reconhecida pela intensidade psicológica, pelos conflitos interiores e pelo confronto entre diferentes visões de mundo.

Sobre a obra

Publicado em 1877, O Sonho de um Homem Ridículo é um conto fantástico e filosófico que acompanha um narrador mergulhado na indiferença e transformado por uma experiência onírica. A narrativa aborda a possibilidade de uma vida coletiva fundada no amor, a origem do sofrimento e os limites do conhecimento racional.

A obra integra o Diário de um Escritor e reúne temas recorrentes da produção de Dostoiévski: a dignidade humana, a compaixão e a busca pela verdade.

Sumário

Capítulo I— Ler capítulo

Capítulo II— Ler capítulo

Capítulo III— Ler capítulo

Capítulo IV— Ler capítulo

Capítulo V— Ler capítulo

I

Sou um homem ridículo. Agora me chamam de louco. Isso seria uma promoção, se eu não continuasse sendo, aos olhos deles, tão ridículo quanto antes. Mas agora já não me irrito. Todos me são queridos, e mesmo quando riem de mim, tornam-se, por alguma razão, especialmente queridos. Eu próprio riria com eles, não de mim mesmo, mas por amá-los, se não me entristecesse tanto contemplá-los. Entristeço-me porque eles não conhecem a verdade, e eu conheço a verdade. Ah, como é difícil ser o único a conhecer a verdade!

Mas eles não compreenderão isso. Não, não compreenderão.

Antes, porém, sofria muito por parecer ridículo. Não por parecer, mas por realmente sê-lo. Sempre fui ridículo, e sei disso talvez desde o meu nascimento. Talvez já aos sete anos soubesse que era ridículo. Depois estudei na escola, mais tarde na universidade, e o que aconteceu? Quanto mais estudava, mais aprendia que era ridículo. De modo que, ao final, todo o meu conhecimento universitário parecia existir apenas para demonstrar e explicar, à medida que nele me aprofundava, que eu era ridículo. Assim como nos estudos, também acontecia na vida.

A cada ano crescia e se fortalecia em mim a mesma consciência de que eu era ridículo sob todos os aspectos. Todos riam de mim, sempre. Mas nenhum deles sabia, nem sequer suspeitava, que, se havia sobre a Terra alguém que conhecia melhor do que todos o quanto eu era ridículo, esse alguém era eu mesmo. E o que mais me ofendia era justamente que eles não soubessem disso. Mas a culpa era minha: sempre fui tão orgulhoso que, por nada neste mundo, admitiria isso diante de alguém. Esse orgulho cresceu em mim com os anos.

Se acontecesse de eu confessar a alguém que era ridículo, creio que, naquela mesma noite, teria estourado a cabeça com um revólver. Ah, quanto sofri durante a adolescência, temendo não resistir e acabar confessando tudo aos meus companheiros! Contudo, desde que me tornei um jovem adulto, embora a cada ano reconhecesse melhor essa minha terrível característica, por alguma razão fiquei um pouco mais tranquilo. Digo por alguma razão porque, até hoje, não consigo determinar qual. Talvez porque crescesse em minha alma uma terrível angústia diante de algo infinitamente maior do que eu mesmo: a convicção que se apoderara de mim de que, em toda parte, tudo era indiferente.

Havia muito tempo eu pressentia isso, mas a plena convicção surgiu de maneira repentina, durante o último ano. De repente, senti que para mim seria indiferente se o mundo existisse ou se absolutamente nada existisse. Comecei a perceber e a sentir, com todo o meu ser, que nada existia ao meu redor. A princípio,

parecia-me que muitas coisas haviam existido antes, mas depois compreendi que também antes nada existira, apenas parecera existir. Pouco a pouco, convenci-me de que jamais existiria coisa alguma.

Então, subitamente, deixei de me irritar com as pessoas e quase deixei de percebê-las. Isso se manifestava até nas menores trivialidades. Às vezes, por exemplo, caminhava pela rua e esbarrava nas pessoas. Não por estar distraído com meus pensamentos: afinal, em que poderia pensar? Naquela época, havia deixado completamente de pensar. Tudo me era indiferente. E nem sequer havia resolvido as questões que me atormentavam! Ah, não resolvera nenhuma delas, e quantas havia! Mas tudo se tornou indiferente para mim, e todas as questões desapareceram.

E foi depois disso que conheci a verdade. Conheci a verdade em novembro do ano passado, precisamente no dia três de novembro, e, desde então, recordo cada instante daquela ocasião. Era uma noite sombria, a mais sombria que se possa imaginar. Eu voltava para casa entre dez e onze horas da noite e lembro-me de ter pensado que não poderia existir momento mais sombrio. Até mesmo do ponto de vista físico. Chovera durante todo o dia, e aquela fora a chuva mais fria e sombria, uma chuva quase ameaçadora, lembro-me bem, manifestando uma evidente hostilidade contra as pessoas.

De repente, entre dez e onze horas, a chuva cessou, dando lugar a uma umidade terrível, ainda mais úmida e fria do que durante a própria chuva. Uma espécie de vapor subia de tudo, de cada pedra da rua e de cada viela, quando se olhava para suas profundezas. Ocorreu-me, subitamente, que, se todos os lampiões a gás se apagassem, tudo se tornaria mais agradável. Com a iluminação, porém, o coração se entristecia ainda mais, pois ela iluminava toda aquela desolação. Naquele dia, quase não havia almoçado e, desde o começo da noite, estivera na casa de um engenheiro, onde também se encontravam dois amigos seus.

Permaneci calado o tempo todo e, ao que parece, acabei por aborrecê-los. Conversavam sobre algum assunto provocador e, de repente, chegaram a se exaltar. Mas tudo lhes era indiferente, eu percebia isso, e exaltavam-se simplesmente por se exaltar. Subitamente, disse-lhes: — Senhores, afinal, tudo lhes é indiferente. Não se ofenderam; pelo contrário, todos riram de mim. Isso aconteceu porque falei sem qualquer censura, simplesmente porque tudo me era indiferente. Eles perceberam minha indiferença e acharam graça.

Quando, na rua, pensei na iluminação a gás, ergui os olhos para o céu. Estava terrivelmente escuro, mas ainda era possível distinguir nuvens despedaçadas e, entre elas, manchas negras e insondáveis. De repente, percebi uma pequena estrela em uma dessas manchas e comecei a contemplá-la atentamente. Aquela pequena estrela sugeriu-me uma ideia: decidi que naquela noite tiraria minha própria vida. Já havia tomado firmemente essa decisão dois meses antes e, apesar de minha pobreza, comprara um excelente revólver, que carregara naquele mesmo dia.

Entretanto, dois meses haviam se passado, e ele continuava guardado na gaveta. Tudo me era tão indiferente que eu desejava encontrar um momento em que essa indiferença não fosse tão absoluta. Por quê? Não sei. Assim, durante aqueles dois meses, todas as noites, ao voltar para casa, pensava que me mataria. Continuava esperando o momento. E agora aquela pequena estrela me trouxera a ideia, e decidi que seria necessariamente naquela noite. Por que a estrela me sugeriu tal pensamento, não sei.

Foi então, enquanto contemplava o céu, que aquela menina subitamente me agarrou pelo cotovelo. A rua já estava deserta, e quase não havia ninguém. Ao longe, um cocheiro dormia em sua carruagem. A menina devia ter uns oito anos. Usava um lenço na cabeça e apenas um vestidinho, e estava completamente encharcada. Mas o que especialmente me ficou na memória foram seus sapatinhos molhados e rasgados. Ainda hoje me lembro deles. Chamaram particularmente minha atenção. Ela começou a puxar-me pelo cotovelo e a chamar-me.

Não chorava, mas gritava algumas palavras entrecortadas, que mal conseguia pronunciar, pois todo o seu corpo tremia de frio. Estava aterrorizada por alguma razão e gritava desesperadamente: — Mamãe! Mamãe! Voltei o rosto para ela, mas não disse palavra alguma e continuei andando. Ela, porém, corria ao meu lado, puxando-me, e em sua voz ressoou aquele som que, nas crianças muito assustadas, significa desespero. Conheço esse som. Embora ela não conseguisse completar as palavras, compreendi que sua mãe estava morrendo em algum lugar, ou que alguma desgraça lhes acontecera, e que a menina saíra correndo para chamar alguém, encontrar alguma ajuda para a mãe.

Mas não a acompanhei. Pelo contrário, ocorreu-me subitamente a ideia de afastá-la. Primeiro, disse-lhe que procurasse um policial. Ela, porém, juntou as mãozinhas e, soluçando, quase sufocada, continuou correndo ao meu lado, sem me abandonar. Foi então que bati o pé no chão e gritei com ela. A menina apenas exclamou: — Senhor! Senhor!... Mas, de repente, deixou-me e atravessou a rua precipitadamente. Outro transeunte aparecera, e ela, evidentemente, abandonara-me para correr até ele.

Subi ao quinto andar, onde morava. Alugo um quarto em uma residência dividida em aposentos. Meu quarto é pobre e pequeno, com uma janela semicircular de sótão. Tenho um sofá revestido de tecido impermeável, uma mesa sobre a qual estão alguns livros, duas cadeiras e uma poltrona confortável, muito velha, mas do tipo Voltaire. Sentei-me, acendi uma vela e comecei a pensar. Ao lado, em outro quarto, atrás da divisória, continuava uma verdadeira balbúrdia. Aquilo já durava três dias. Ali morava um capitão reformado, que recebera uns seis sujeitos de má aparência.

Bebiam vodca e jogavam shtos, um jogo de cartas, utilizando um baralho velho. Na noite anterior, houvera uma briga, e sei que dois deles passaram bastante tempo puxando um ao outro pelos cabelos. A proprietária desejava apresentar uma

queixa, mas tinha um medo terrível do capitão. Além dele, havia apenas outra inquilina: uma senhora pequena e magra, ligada a uma família militar, que viera de fora com três filhos pequenos, os quais haviam adoecido desde que chegaram à nossa residência. Tanto ela quanto as crianças tinham um medo mortal do capitão.

Passavam a noite inteira tremendo e fazendo o sinal da cruz, e a criança menor sofrera uma espécie de ataque provocado pelo medo. Sei com certeza que esse capitão, às vezes, aborda transeuntes na avenida Névski e lhes pede esmolas. Não o aceitam em nenhum emprego. Mas, coisa estranha — e é justamente por isso que conto tudo isso —, durante todo o mês em que viveu conosco, o capitão não despertou em mim qualquer irritação. Naturalmente, desde o início evitei conhecê-lo, e ele próprio se entediou comigo desde nosso primeiro encontro.

Mas, por mais que gritassem atrás da divisória, e por mais numerosos que fossem, tudo me era indiferente. Passava a noite inteira sentado e, realmente, nem sequer os ouvia, tamanho era meu esquecimento de sua existência. Há cerca de um ano, todas as noites permaneço acordado até o amanhecer. Passo a noite inteira sentado à mesa, em minha poltrona, sem fazer nada. Leio livros apenas durante o dia. Fico sentado e nem sequer penso propriamente. Alguns pensamentos vagam por minha mente, e deixo-os correr livremente.

A vela consome-se inteiramente durante a noite. Sentei-me tranquilamente à mesa, retirei o revólver e coloquei-o diante de mim. Ao colocá-lo ali, lembro-me de ter perguntado a mim mesmo: — É isso mesmo? E respondi com absoluta convicção: — É. Isto é, eu me mataria. Sabia que naquela noite certamente o faria, mas não sabia quanto tempo ainda permaneceria sentado à mesa antes disso. E certamente teria tirado minha vida, se não fosse aquela menina.

II

Vejam bem: embora tudo me fosse indiferente, eu ainda sentia dor, por exemplo. Se alguém me golpeasse, sentiria dor. O mesmo acontecia no plano moral: se ocorresse algo verdadeiramente lamentável, eu sentiria compaixão, assim como sentia quando as coisas da vida ainda não me eram indiferentes. E, pouco antes, eu realmente sentira compaixão. Certamente teria ajudado uma criança. Por que, então, não ajudei aquela menina? Por causa de uma ideia que me ocorreu naquele momento. Enquanto ela me puxava e chamava, surgiu subitamente diante de mim uma questão que não consegui resolver.

Era uma questão ociosa, mas me enfureci. Enfureci-me em consequência da conclusão de que, se já decidira pôr fim à minha existência naquela noite, então tudo no mundo deveria ser-me, mais do que nunca, indiferente. Por que, então, senti subitamente que aquilo não me era indiferente e que tinha pena da menina? Lembro-me de ter sentido uma enorme compaixão por ela, chegando a experimentar uma espécie de dor estranha, absolutamente inacreditável em minha situação. Na verdade, não sei expressar melhor aquela sensação passageira.

Mas ela persistiu mesmo depois de chegar em casa, quando já estava sentado à mesa, e eu me encontrava tão irritado como havia muito tempo não acontecia.

Um raciocínio sucedia a outro. Parecia-me evidente que, se eu era um homem e ainda não era um nada, enquanto não me transformasse em nada, continuava vivo e, consequentemente, podia sofrer, irritar-me e sentir vergonha de meus atos. Muito bem. Mas, se eu me matasse, por exemplo, dentro de duas horas, que importância teria para mim aquela menina? Que me importariam então a vergonha e todas as coisas do mundo? Eu me transformaria em nada, em um nada absoluto. E seria possível que a consciência de que em breve deixaria completamente de existir e de que, portanto, nada mais existiria, não exercesse a menor influência sobre meu sentimento de compaixão pela menina ou sobre a vergonha que senti depois de cometer aquela indignidade?

Foi justamente por isso que bati o pé e gritei selvagemente com a pobre criança, como se dissesse: "Não apenas não sinto compaixão, como agora posso cometer até mesmo uma crueldade desumana, porque dentro de duas horas tudo se extinguirá." Acreditam que foi por isso que gritei? Hoje estou quase convencido disso. Parecia-me evidente que a vida e o mundo dependiam agora, de certo modo, de mim. Poder-se-ia até dizer que o mundo fora feito exclusivamente para mim: eu me mataria, e o mundo deixaria de existir, pelo menos para mim.

Sem falar na possibilidade de que, depois de mim, realmente nada existisse para ninguém, e de que o mundo inteiro, assim que minha consciência se extinguisse, desaparecesse imediatamente como um fantasma, como algo

pertencente exclusivamente à minha consciência. Pois talvez todo esse mundo e todas essas pessoas não fossem senão eu mesmo.

Lembro-me de que, sentado e raciocinando, comecei a considerar sob perspectivas completamente diferentes todas aquelas novas questões que se amontoavam umas após as outras, imaginando coisas inteiramente novas. Por exemplo, ocorreu-me subitamente uma estranha consideração. Se eu tivesse vivido anteriormente na Lua ou em Marte e ali cometido o ato mais vergonhoso e desonroso que se pudesse imaginar, e por causa dele tivesse sido insultado e desonrado de uma maneira que talvez só fosse possível sentir e imaginar em um pesadelo; e se, depois, encontrando-me na Terra, continuasse consciente daquilo que fizera no outro planeta e soubesse, além disso, que jamais retornaria para lá, então, ao contemplar a Lua da Terra, aquilo me seria indiferente ou não?

Sentiria vergonha daquele ato ou não? Eram questões ociosas e desnecessárias, pois o revólver já estava diante de mim, e eu sabia, com todo o meu ser, que cumpriria minha decisão. Mas aquelas questões me inflamavam, e eu me enfurecia. Era como se já não pudesse morrer sem antes resolver alguma coisa. Em suma, aquela menina salvou-me, porque, com minhas perguntas, adiei o disparo.

Enquanto isso, no quarto do capitão, tudo também começava a se acalmar. Haviam terminado o jogo de cartas e preparavam-se para dormir, resmungando e trocando preguiçosamente os últimos insultos. Foi precisamente então que adormeci de repente, coisa que nunca antes me acontecera enquanto estava sentado à mesa, em minha poltrona. Adormeci sem sequer perceber. Os sonhos, como se sabe, são coisas extraordinariamente estranhas. Certos acontecimentos apresentam-se com uma clareza assustadora, com detalhes trabalhados com a minúcia de um joalheiro, enquanto outros são ultrapassados sem que sequer os percebamos, como acontece, por exemplo, com o espaço e o tempo.

Parece que os sonhos são impulsionados não pela razão, mas pelo desejo; não pela cabeça, mas pelo coração. E, entretanto, que coisas engenhosíssimas minha razão às vezes realizava durante os sonhos! Ao mesmo tempo, acontecem com ela, nos sonhos, coisas absolutamente incompreensíveis. Meu irmão, por exemplo, morreu há cinco anos. Às vezes, vejo-o em sonhos. Ele participa de meus afazeres, e ambos estamos profundamente interessados neles. Contudo, durante todo o sonho, sei perfeitamente e me recordo de que meu irmão morreu e foi sepultado.

Como não me surpreendo com o fato de que, embora morto, esteja ali ao meu lado, ocupando-se das coisas comigo? Por que minha razão aceita tudo isso tão naturalmente? Mas basta. Passarei ao meu sonho. Sim, naquela ocasião tive aquele sonho, meu sonho de três de novembro! Agora zombam de mim, dizendo que não passou de um sonho. Mas que diferença faz se foi um sonho ou não, se esse sonho me revelou a Verdade? Pois, uma vez que se conhece a verdade e se contempla essa verdade, sabe-se que ela é a verdade e que não existe nem pode existir outra, esteja-se dormindo ou vivendo.

Pois bem, que tenha sido um sonho! Mas esta vida que vocês tanto exaltam, eu desejava extingui-la pelo suicídio. E meu sonho, meu sonho, ah, ele me anunciou uma vida nova, grandiosa, renovada e poderosa! Escutem.

III

Disse que adormeci sem perceber, como se continuasse raciocinando sobre os mesmos assuntos. De repente, sonhei que pegava o revólver e, ainda sentado, apontava-o diretamente para o coração, para o coração e não para a cabeça. Antes, porém, havia decidido que atiraria na cabeça, precisamente na têmpora direita. Depois de apontá-lo para o peito, esperei um ou dois segundos, e minha vela, a mesa e a parede diante de mim começaram subitamente a se mover e a oscilar. Apressei-me em disparar.

Nos sonhos, às vezes caímos de grandes alturas, somos feridos ou espancados, mas nunca sentimos dor, a menos que realmente nos machuquemos de alguma maneira na cama. Nesse caso, sentimos a dor e quase sempre despertamos por causa dela. Assim aconteceu também em meu sonho. Não senti dor, mas pareceu-me que, com o disparo, tudo dentro de mim estremeceu, tudo subitamente se apagou e uma escuridão terrível me envolveu. Era como se tivesse ficado cego e mudo. Encontrava-me deitado de costas sobre alguma superfície dura, completamente estendido, sem enxergar coisa alguma e sem conseguir realizar o menor movimento.

Ao meu redor, pessoas caminhavam e gritavam. O capitão falava com sua voz grave, a proprietária berrava, e então houve novamente uma interrupção, e eis que já me transportavam dentro de um caixão fechado. Sentia o caixão balançar e refletia sobre isso. De repente, pela primeira vez, ocorreu-me uma ideia surpreendente: eu estava morto, completamente morto. Sabia disso e não tinha dúvidas. Não enxergava, não me movia e, entretanto, sentia e raciocinava. Logo, porém, conformei-me com aquilo e, como geralmente acontece nos sonhos, aceitei a realidade sem contestá-la.

E então me enterraram. Todos foram embora, e fiquei sozinho, completamente sozinho. Não me movia. Sempre que, anteriormente, imaginava acordado como seria sepultado, associava à sepultura apenas uma sensação de umidade e frio. Assim também agora senti muito frio, especialmente nas pontas dos dedos dos pés, mas nada além disso.

Permanecia deitado e, estranhamente, nada esperava, aceitando sem contestação que um morto nada tem a esperar. Mas havia umidade. Não sei quanto tempo se passou: uma hora, alguns dias ou muitos dias. De repente, uma gota de água, que penetrara pela tampa do caixão, caiu sobre meu olho esquerdo fechado. Um minuto depois, caiu outra, e depois de mais um minuto, uma terceira, e assim sucessivamente, sempre a cada minuto. Uma profunda indignação inflamou subitamente meu coração, e nele senti uma dor física.

"É minha ferida", pensei. "É o disparo, a bala está ali..." E a gota continuava caindo, a cada minuto, diretamente sobre meu olho fechado. Então clamei, não com a voz, pois estava imóvel, mas com todo o meu ser, ao senhor de tudo aquilo que estava acontecendo comigo:

— Quem quer que sejas, se existes e se existe algo mais razoável do que aquilo que agora acontece, permite que isso também se manifeste aqui. Mas, se te vingas de meu insensato suicídio por meio do absurdo e da monstruosidade desta existência posterior, sabe que nenhum sofrimento que me imponhas jamais se comparará ao desprezo que sentirei silenciosamente, ainda que durante milhões de anos de martírio!...

Clamei e silenciei. Durante quase um minuto inteiro reinou um silêncio profundo, e mais uma gota chegou a cair. Mas eu sabia, sabia e acreditava de maneira ilimitada e inabalável, que tudo necessariamente mudaria naquele instante. E, de repente, minha sepultura se abriu. Não sei se ela foi realmente aberta e desenterrada, mas fui tomado por algum ser obscuro e desconhecido, e encontramo-nos no espaço. Subitamente, recuperei a visão. Era uma noite profunda, e jamais, jamais existira tamanha escuridão!

Voávamos pelo espaço, já muito distantes da Terra. Nada perguntei àquele que me transportava. Esperava e permanecia orgulhoso. Assegurava a mim mesmo que não tinha medo e estremecia de entusiasmo ao pensar que não tinha medo. Não me lembro de quanto tempo viajamos, nem consigo imaginá-lo. Tudo acontecia como sempre ocorre nos sonhos, quando ultrapassamos o espaço, o tempo e as leis da existência e da razão, detendo-nos apenas nos pontos com que sonha o coração. Lembro-me de ter visto subitamente uma pequena estrela na escuridão.

— É Sírius? — perguntei, sem conseguir me conter, embora não desejasse perguntar coisa alguma. — Não. É aquela mesma estrela que viste entre as nuvens quando voltavas para casa — respondeu o ser que me transportava. Eu sabia que ele possuía uma espécie de semblante humano. Coisa estranha: não gostava daquele ser e sentia até uma profunda aversão por ele. Esperava o completo desaparecimento de minha existência, e fora com essa intenção que disparara contra meu coração. E agora estava nas mãos de um ser certamente não humano, mas que existia.

"Ah, então existe vida depois da morte!", pensei com a estranha leviandade própria dos sonhos. Entretanto, a essência de meu coração permanecia comigo em toda a sua profundidade. "E, se for necessário existir novamente", pensei, "e voltar a viver segundo a vontade inevitável de alguém, não quero ser vencido nem humilhado!" — Sabes que tenho medo de ti e, por isso, me desprezas — disse subitamente ao meu companheiro, incapaz de conter aquela pergunta humilhante, que encerrava uma confissão. Senti minha humilhação como uma picada de alfinete no coração.

Ele não respondeu à minha pergunta. Mas percebi subitamente que não me desprezava, que não ria de mim e que nem sequer sentia pena de mim. Nossa

viagem tinha um objetivo desconhecido e misterioso, que dizia respeito exclusivamente a mim. O medo crescia em meu coração. Algo silencioso, mas doloroso, era-me comunicado por meu companheiro calado e parecia penetrar em todo o meu ser. Voávamos por espaços escuros e desconhecidos. Havia muito tempo deixara de reconhecer as constelações familiares aos meus olhos.

Sabia que existem estrelas nos espaços celestes cujos raios levam milhares e milhões de anos para chegar à Terra. Talvez já estivéssemos atravessando essas regiões. Esperava alguma coisa com uma angústia terrível, que atormentava meu coração. E, de repente, uma sensação familiar, extraordinariamente convidativa, fez-me estremecer. Vi o nosso Sol! Sabia que não poderia ser o nosso Sol, aquele que dera origem à nossa Terra, e que nos encontrávamos a uma distância infinita dele. Mas reconheci, por alguma razão, com todo o meu ser, que aquele era um Sol exatamente igual ao nosso, sua repetição, seu duplo.

Uma sensação doce e convidativa ressoou como um êxtase em minha alma. A força familiar daquela luz, a mesma que me dera origem, encontrou eco em meu coração e o ressuscitou. E senti a vida, minha antiga vida, pela primeira vez desde a sepultura.

— Mas, se este é o Sol, se é um Sol exatamente igual ao nosso, onde está a Terra? — exclamei. Meu companheiro apontou para uma pequena estrela que brilhava na escuridão com um fulgor de esmeralda. Voávamos diretamente em sua direção.

— Será possível que existam semelhantes repetições no universo? Será essa uma lei da natureza? E, se aquilo é a Terra, será uma Terra igual à nossa? Exatamente igual, infeliz, pobre, mas querida e eternamente amada, capaz de despertar em seus filhos, mesmo nos mais ingratos, o mesmo amor doloroso que desperta a nossa? Exclamava essas palavras estremecendo de um amor irresistível e entusiasmado por aquela antiga Terra natal que abandonara. A imagem da pobre menina que eu havia ofendido passou diante de mim.

— Verás tudo — respondeu meu companheiro, e percebi certa tristeza em suas palavras.

Aproximávamo-nos rapidamente do planeta. Ele crescia diante de meus olhos. Já distinguia o oceano e os contornos da Europa. De repente, um estranho sentimento de ciúme, grandioso e sagrado, inflamou meu coração. "Como pode existir semelhante repetição, e para quê? Amo, só posso amar aquela Terra que abandonei, sobre a qual permaneceram os vestígios de meu sangue quando, ingrato, extingui minha vida com um disparo contra o coração. Mas nunca, nunca deixei de amar aquela Terra, e talvez naquela mesma noite, ao despedir-me dela, eu a amasse mais dolorosamente do que jamais a amara.

Existe sofrimento nesta nova Terra? Em nossa Terra, só conseguimos amar verdadeiramente com sofrimento e através do sofrimento! Não sabemos amar de outra maneira e não conhecemos outro amor. Quero sofrer para amar. Quero,

desejo ardentemente, neste instante, beijar, banhado em lágrimas, apenas aquela Terra que abandonei, e não quero, não aceito a vida em nenhuma outra!..."

Mas meu companheiro já me havia deixado. Subitamente, quase sem perceber, encontrei-me naquela outra Terra, sob a luz intensa de um dia ensolarado, encantador como o paraíso. Parecia-me estar em uma daquelas ilhas que, em nossa Terra, formam o arquipélago grego, ou em algum ponto da costa do continente próximo àquele arquipélago. Ah, tudo era exatamente como entre nós, mas parecia que por toda parte brilhava uma espécie de festa, uma grande e sagrada celebração finalmente alcançada. O afetuoso mar de esmeralda batia suavemente contra as margens e as beijava com um amor evidente, visível, quase consciente.

Árvores altas e magníficas erguiam-se em todo o esplendor de sua floração. Suas incontáveis folhas, estou convencido disso, saudavam-me com um murmúrio suave e carinhoso, como se pronunciassem palavras de amor. A relva resplandecia de flores vivas e perfumadas. Pequenos pássaros voavam em bandos e, sem temer-me, pousavam em meus ombros e braços, batendo alegremente em mim com suas delicadas asas trêmulas. Finalmente, vi e conheci os habitantes daquela Terra feliz. Vieram espontaneamente ao meu encontro, cercaram-me e beijaram-me.

Filhos do Sol, filhos de seu próprio Sol, ah, como eram belos! Jamais vira em nossa Terra tamanha beleza em um ser humano. Talvez apenas em nossas crianças, nos primeiros anos de vida, fosse possível encontrar um reflexo distante, embora tênue, daquela beleza. Os olhos daqueles seres felizes brilhavam com uma luminosidade serena. Seus rostos irradiavam inteligência e uma consciência que parecia ter alcançado a plenitude e a tranquilidade. Entretanto, eram rostos alegres, e em suas palavras e vozes ressoava uma alegria infantil.

Ah, imediatamente, ao primeiro olhar para seus rostos, compreendi tudo, tudo! Aquela era uma Terra não profanada pela queda no pecado. Nela viviam seres humanos que não haviam pecado, vivendo no mesmo paraíso em que, segundo as tradições de toda a humanidade, haviam vivido nossos antepassados antes de pecarem. Com uma única diferença: ali, toda a Terra era, por toda parte, um único e mesmo paraíso. Aquelas pessoas, rindo alegremente, aproximavam-se de mim e acariciavam-me. Levaram-me consigo, e cada uma delas desejava tranquilizar-me.

Ah, nada me perguntavam, mas parecia-me que já sabiam tudo e desejavam afastar o mais depressa possível o sofrimento de meu rosto.

IV

Vejam bem, mais uma vez: pois bem, que tenha sido apenas um sonho! Mas a sensação do amor daqueles seres inocentes e belos permaneceu em mim para sempre, e sinto que seu amor ainda hoje se derrama sobre mim, vindo de lá. Eu próprio os vi. Conheci-os e convenci-me de sua existência. Amei-os e, posteriormente, sofri por eles. Ah, compreendi imediatamente, já naquela ocasião, que em muitos aspectos jamais conseguiria entendê-los. Para mim, um progressista russo contemporâneo e um desprezível habitante de Petersburgo, parecia impossível explicar, por exemplo, como aquelas pessoas, sabendo tantas coisas, não possuíam nossa ciência.

Logo compreendi, porém, que seu conhecimento se completava e se alimentava de outras formas de compreensão, diferentes das existentes em nossa Terra, e que suas aspirações também eram inteiramente distintas. Nada desejavam e eram tranquilos. Não buscavam conhecer a vida da mesma maneira que nós procuramos compreendê-la, porque sua vida era plena. Mas seu conhecimento era mais profundo e elevado do que o de nossa ciência. Nossa ciência procura explicar o que é a vida, esforça-se por compreendê-la para ensinar os outros a viver.

Eles, entretanto, mesmo sem ciência, sabiam como viver. Isso eu compreendia, mas não conseguia compreender seu conhecimento. Mostravam-me suas árvores, e eu não conseguia entender a intensidade do amor com que as contemplavam. Era como se conversassem com seres semelhantes a eles próprios. E sabem? Talvez eu não esteja enganado ao dizer que realmente conversavam com elas! Sim, haviam descoberto sua linguagem, e estou convencido de que as árvores os compreendiam. Assim contemplavam toda a natureza, inclusive os animais, que viviam pacificamente com eles, não os atacavam e os amavam, conquistados pelo próprio amor que recebiam.

Mostravam-me as estrelas e falavam comigo a respeito delas sobre coisas que eu não conseguia compreender. Mas estou convencido de que mantinham alguma espécie de contato com os astros celestes, não apenas pelo pensamento, mas por algum meio vivo. Ah, aquelas pessoas nem sequer procuravam fazer com que eu as compreendesse. Amavam-me independentemente disso. Eu sabia, por outro lado, que elas também jamais me compreenderiam, e por isso quase nada lhes dizia sobre nossa Terra. Limitava-me a beijar, diante delas, o solo em que viviam e, silenciosamente, adorava-as.

Elas percebiam isso e permitiam que eu as adorasse, embora se envergonhassem de minha adoração, pois elas próprias amavam intensamente. Não sofriam por mim quando, em lágrimas, às vezes lhes beijava os pés, sabendo alegremente, em meu coração, com que força de amor me corresponderiam. Às

vezes, perguntava-me, admirado: como conseguiam, durante todo aquele tempo, jamais ofender alguém como eu, nem despertar em mim uma única vez sentimentos de ciúme ou inveja? Muitas vezes perguntei a mim mesmo como eu, tão vaidoso e mentiroso, conseguia não lhes falar de meus conhecimentos, dos quais certamente não tinham a menor ideia, nem desejava impressioná-los com eles, ainda que fosse apenas por amor.

Eram vivazes e alegres como crianças. Vagavam por seus belos bosques e florestas, cantavam suas belas canções e alimentavam-se de comidas leves, dos frutos de suas árvores, do mel de suas florestas e do leite dos animais que os amavam. Para obter alimento e vestuário, trabalhavam apenas um pouco, sem grande esforço. Entre eles havia amor e nasciam crianças, mas jamais percebi os impulsos daquela sensualidade cruel que domina quase todos em nossa Terra e que constitui a fonte de quase todos os pecados de nossa humanidade.

Alegravam-se com as crianças que nasciam como novos participantes de sua felicidade. Não havia disputas nem ciúmes entre eles, e nem sequer compreendiam o significado dessas coisas. Seus filhos eram filhos de todos, pois todos constituíam uma única família. Quase não havia doenças, embora existisse a morte. Seus idosos morriam tranquilamente, como se adormecessem, cercados por pessoas que deles se despediam. Abençoavam-nas e sorriam para elas, sendo também acompanhados por seus sorrisos luminosos.

Não vi tristeza nem lágrimas nessas ocasiões. Havia apenas um amor multiplicado até o êxtase, mas um êxtase tranquilo, pleno e contemplativo. Poder-se-ia imaginar que ainda mantinham contato com seus mortos, mesmo depois da morte, e que a união terrena entre eles não era interrompida pela morte. Quase não me compreendiam quando lhes perguntava sobre a vida eterna. Mas, evidentemente, estavam tão convencidos dela, de maneira tão espontânea, que aquilo nem sequer constituía uma questão para eles. Não possuíam templos, mas mantinham uma união viva, essencial e ininterrupta com a totalidade do universo.

Não possuíam fé, mas tinham o conhecimento firme de que, quando sua alegria terrena alcançasse os limites da natureza terrestre, surgiria para eles, tanto para os vivos quanto para os mortos, uma ampliação ainda maior de seu contato com a totalidade do universo. Esperavam esse momento com alegria, mas sem pressa, sem sofrer por ele, como se já o possuíssem nos pressentimentos de seus corações, que comunicavam uns aos outros.

À noite, antes de dormir, gostavam de formar coros harmoniosos e bem ordenados. Nessas canções, transmitiam todas as sensações que o dia que terminava lhes havia proporcionado, glorificavam-no e dele se despediam. Glorificavam a natureza, a terra, o mar e as florestas. Gostavam de compor canções uns sobre os outros e elogiavam-se como crianças. Eram canções extremamente simples, mas brotavam do coração e penetravam nos corações. E não apenas nas canções: parecia que passavam toda a vida simplesmente admirando uns aos outros.

Era uma espécie de enamoramento mútuo, completo e universal. Algumas de suas canções, solenes e entusiasmadas, eu quase não conseguia compreender. Embora entendesse as palavras, jamais conseguia penetrar em todo o seu significado. Esse significado permanecia como que inacessível à minha inteligência, enquanto meu coração parecia impregnar-se dele espontaneamente, cada vez mais. Frequentemente lhes dizia que havia muito tempo pressentia tudo aquilo; que toda aquela alegria e glória já se manifestavam para mim, em nossa Terra, como uma angústia que me chamava, chegando por vezes a uma tristeza insuportável.

Dizia-lhes que havia pressentido todos eles e sua glória nos sonhos de meu coração e nas fantasias de minha mente; que, muitas vezes, em nossa Terra, não conseguia contemplar o pôr do sol sem lágrimas... Que no meu ódio pelas pessoas de nossa Terra sempre existira uma angústia: por que não consigo odiá-las sem amá-las? Por que não consigo deixar de perdoá-las? E em meu amor por elas havia outra angústia: por que não consigo amá-las sem odiá-las? Eles me escutavam, e eu percebia que não conseguiam imaginar aquilo que lhes dizia.

Mas não me arrependia de lhes falar dessas coisas, pois sabia que compreendiam toda a intensidade de minha saudade daqueles que eu abandonara. Sim, quando me contemplavam com seus olhares afetuosos e cheios de amor, quando sentia que, junto deles, meu coração se tornava tão inocente e verdadeiro quanto os seus, então eu também não lamentava não os compreender. A sensação da plenitude da vida tirava-me o fôlego, e silenciosamente eu os venerava.

Ah, agora todos riem em minha cara e asseguram-me que nem mesmo em sonhos seria possível enxergar tantos detalhes quanto aqueles que agora relato. Dizem que, em meu sonho, vi ou experimentei apenas uma sensação, produzida por meu próprio coração em delírio, e que inventei os detalhes depois de despertar. E, quando lhes confessei que talvez realmente tivesse sido assim, meu Deus, que gargalhadas deram em minha cara, e quanto divertimento lhes proporcionei! Ah, sim, certamente fui dominado por uma única sensação daquele sonho, e somente ela sobreviveu em meu coração ferido até sangrar.

Mas as imagens e formas reais de meu sonho, aquelas que efetivamente contemplei durante o próprio sonho, eram tão plenas de harmonia, tão encantadoras e belas, tão verdadeiras, que, ao despertar, naturalmente não fui capaz de incorporá-las às nossas frágeis palavras. Por isso, elas devem ter se tornado indistintas em minha mente. E talvez, de fato, eu próprio tenha sido obrigado, inconscientemente, a inventar posteriormente alguns detalhes, certamente deformando-os, sobretudo diante de meu desejo apaixonado de transmiti-los o mais depressa possível, ainda que apenas parcialmente.

Mas como poderia deixar de acreditar que tudo aquilo aconteceu? Talvez tenha sido mil vezes melhor, mais luminoso e alegre do que aquilo que relato. Que tenha sido um sonho, mas tudo aquilo não poderia deixar de ter existido. Sabem? Vou lhes contar um segredo: talvez tudo aquilo nem sequer tenha sido um sonho!

Pois aconteceu algo tão terrivelmente verdadeiro que não poderia ter sido imaginado em um sonho. Que meu sonho tenha sido produzido por meu coração. Mas seria meu coração, sozinho, capaz de produzir aquela terrível verdade que posteriormente me aconteceu?

Como poderia eu, sozinho, inventá-la ou sonhá-la com o coração? Será possível que meu coração mesquinho e minha inteligência caprichosa e insignificante pudessem elevar-se até semelhante revelação da verdade? Ah, julguem por si mesmos. Até agora ocultei isso, mas agora revelarei também essa verdade. O fato é que eu... corrompi todos eles!

V

Sim, sim, tudo terminou com o fato de que corrompi todos eles! Como isso pôde acontecer, não sei, não me lembro claramente. O sonho atravessou milênios e deixou em mim apenas a sensação do conjunto. Sei somente que fui a causa da queda no pecado. Como um parasita repugnante, como uma partícula da peste que contamina nações inteiras, assim também contaminei, com minha própria presença, toda aquela Terra feliz e, até então, inocente. Eles aprenderam a mentir, passaram a amar a mentira e conheceram a beleza da mentira.

Ah, talvez tudo tenha começado inocentemente, com uma brincadeira, uma coqueteria, um jogo amoroso, talvez realmente com uma simples partícula. Mas aquela partícula de mentira penetrou em seus corações e lhes agradou. Logo nasceu a luxúria, a luxúria gerou o ciúme, e o ciúme gerou a crueldade... Ah, não sei, não me lembro, mas logo, muito logo, o primeiro sangue foi derramado. Surpreenderam-se e horrorizaram-se, e começaram a afastar-se uns dos outros, a dividir-se. Surgiram alianças, mas já umas contra as outras.

Começaram as censuras e as acusações. Conheceram a vergonha e elevaram a vergonha à condição de virtude. Nasceu o conceito de honra, e cada aliança ergueu sua própria bandeira. Começaram a atormentar os animais, e os animais afastaram-se deles, refugiando-se nas florestas e tornando-se seus inimigos. Começou a luta pela separação, pelo isolamento, pela individualidade, pelo meu e pelo teu. Passaram a falar línguas diferentes. Conheceram a tristeza e passaram a amar a tristeza. Desejavam ardentemente o sofrimento e diziam que a Verdade somente poderia ser alcançada através do sofrimento.

Então surgiu entre eles a ciência. Quando se tornaram maus, começaram a falar de fraternidade e humanidade e compreenderam essas ideias. Quando se tornaram criminosos, inventaram a justiça e estabeleceram códigos inteiros para preservá-la. E, para garantir o cumprimento desses códigos, ergueram a guilhotina. Mal se lembravam daquilo que haviam perdido e nem sequer desejavam acreditar que um dia tinham sido inocentes e felizes. Riam até mesmo da possibilidade daquela felicidade anterior e chamavam-na de sonho.

Nem sequer conseguiam representá-la por meio de formas e imagens. Mas, coisa estranha e maravilhosa: depois de perderem toda a fé na felicidade que haviam possuído e de chamá-la de conto de fadas, desejaram tão intensamente voltar a ser inocentes e felizes que se prostraram, como crianças, diante do desejo de seus próprios corações. Divinizaram esse desejo, construíram templos e começaram a rezar à sua própria ideia, ao seu próprio "desejo", ao mesmo tempo que acreditavam plenamente na impossibilidade de realizá-lo, embora o adorassem e venerassem em lágrimas.

E, entretanto, se fosse possível retornarem àquele estado de inocência e felicidade que haviam perdido, e se alguém subitamente lhes mostrasse esse estado e perguntasse se desejavam retornar a ele, certamente recusariam. Respondiam-me:

— Que sejamos mentirosos, maus e injustos, sabemos disso e choramos por isso. Atormentamo-nos, torturamo-nos e punimo-nos mais do que talvez o fizesse aquele Juiz misericordioso que nos julgará e cujo nome desconhecemos. Mas possuímos a ciência e, por meio dela, reencontraremos a verdade, embora dessa vez a aceitemos conscientemente. O conhecimento é superior ao sentimento, a consciência da vida é superior à própria vida. A ciência nos dará a sabedoria, a sabedoria revelará as leis, e o conhecimento das leis da felicidade é superior à própria felicidade.

Era isso que diziam. Depois de tais palavras, cada um passou a amar a si mesmo acima de todos os demais, e não poderiam agir de outra maneira. Cada indivíduo tornou-se tão zeloso de sua própria personalidade que empregava todas as forças apenas para humilhá-la e diminuí-la nos outros, fazendo disso o propósito de sua existência. Surgiu a escravidão, e surgiu até mesmo a escravidão voluntária. Os fracos submetiam-se de boa vontade aos mais fortes, desde que estes os ajudassem a oprimir aqueles que eram ainda mais fracos do que eles próprios.

Surgiram homens justos que se aproximavam daquelas pessoas em lágrimas e lhes falavam de seu orgulho, da perda da medida e da harmonia, da vergonha que haviam perdido. Riam deles ou os apedrejavam. Sangue sagrado era derramado nos limiares dos templos. Por outro lado, começaram a surgir pessoas que procuravam imaginar uma maneira de todos voltarem a se unir, de modo que cada um, sem deixar de amar a si mesmo acima dos demais, não impedisse os outros de fazer o mesmo, e assim todos pudessem viver juntos em uma sociedade aparentemente harmoniosa.

Guerras inteiras foram desencadeadas por causa dessa ideia. Todos os combatentes acreditavam firmemente que a ciência, a sabedoria e o instinto de conservação finalmente obrigariam os seres humanos a se unirem em uma sociedade harmoniosa e racional. Por isso, enquanto esse momento não chegava, e para acelerar sua realização, os "sábios" procuravam exterminar o mais depressa possível todos os "não sábios" e aqueles que não compreendiam sua ideia, para que não impedissem seu triunfo. Mas o instinto de conservação começou a enfraquecer rapidamente.

Surgiram orgulhosos e libertinos que exigiam diretamente tudo ou nada. Para obter tudo, recorriam ao crime e, quando não conseguiam, ao suicídio. Surgiram religiões que cultuavam a inexistência e a autodestruição em nome do repouso eterno no nada. Finalmente, aquelas pessoas cansaram-se de seu trabalho insensato, e o sofrimento apareceu em seus rostos. Proclamaram então que o sofrimento era beleza, pois somente no sofrimento existia pensamento. Celebraram o sofrimento em suas canções. Eu caminhava entre eles, torcendo as mãos e chorando por eles,

mas talvez os amasse ainda mais do que antes, quando o sofrimento ainda não aparecera em seus rostos e quando eram inocentes e tão belos.

Passei a amar aquela Terra que haviam profanado ainda mais do que quando ela era um paraíso, simplesmente porque nela surgira a dor. Ai de mim! Sempre amei a dor e a tristeza, mas apenas para mim, para mim mesmo. Por eles, porém, chorava, sentindo compaixão. Estendia-lhes os braços, acusando-me, amaldiçoando-me e desprezando-me em meu desespero. Dizia-lhes que fora eu quem fizera tudo aquilo, eu sozinho, que fora eu quem lhes trouxera a corrupção, o contágio e a mentira! Implorava-lhes que me crucificassem e ensinava-lhes como construir uma cruz.

Não podia, não era capaz de matar a mim mesmo, mas desejava receber deles o sofrimento. Ansiava pelos tormentos, desejava que, naqueles tormentos, meu sangue fosse derramado até a última gota. Mas eles apenas riam de mim e, por fim, passaram a considerar-me uma espécie de louco santo. Absolviam-me. Diziam que haviam recebido apenas aquilo que eles próprios desejavam e que tudo quanto agora existia não poderia deixar de existir. Finalmente, declararam que eu me tornava perigoso para eles e que me internariam em um manicômio caso não me calasse.

Então a tristeza penetrou em minha alma com tamanha força que meu coração se apertou, e senti que morreria. E então... pois bem, foi então que despertei.

Já era manhã, isto é, ainda não havia amanhecido, mas aproximava-se das seis horas. Despertei na mesma poltrona. Minha vela havia se consumido inteiramente, os ocupantes do quarto do capitão dormiam, e reinava ao meu redor um silêncio raro em nossa residência. A primeira coisa que fiz foi levantar-me de um salto, tomado por uma extraordinária surpresa. Jamais me acontecera algo semelhante, nem mesmo em seus menores detalhes. Nunca antes, por exemplo, adormecera daquela maneira em minha poltrona. De repente, enquanto permanecia de pé e recuperava a consciência, vi diante de mim meu revólver, pronto e carregado.

Mas, em um único instante, afastei-o de mim! Ah, agora, vida, vida! Ergui os braços e clamei à verdade eterna. Não clamei, mas chorei. Um êxtase, um êxtase incomensurável elevava todo o meu ser. Sim, a vida e a pregação! Decidi dedicar-me à pregação naquele mesmo instante e, certamente, por toda a vida! Vou pregar, quero pregar. O quê? A Verdade, pois eu a vi, vi-a com meus próprios olhos, contemplei toda a sua glória!

E, desde então, venho pregando! Além disso, amo aqueles que riem de mim mais do que todos os outros. Por que isso acontece, não sei e não consigo explicar, mas que assim seja. Dizem que já agora me desvio do caminho. Isto é, se já me desviei tanto, o que acontecerá daqui em diante? É a pura verdade: eu me desvio, e talvez, daqui em diante, as coisas se tornem ainda piores. Certamente me desviarei várias vezes até descobrir como pregar, isto é, com quais palavras e quais ações, porque isso é muito difícil de realizar.

Ainda agora vejo tudo com a clareza do dia, mas escutem: quem não se desvia? Entretanto, todos caminham em direção à mesma coisa, ou pelo menos todos aspiram à mesma coisa, desde o sábio até o último dos criminosos, apenas por caminhos diferentes. É uma velha verdade, mas eis o que há de novo: não posso me desviar muito. Porque vi a verdade. Vi e sei que os seres humanos podem ser belos e felizes sem perder a capacidade de viver sobre a Terra. Não quero e não posso acreditar que o mal seja a condição natural dos seres humanos.

E é justamente dessa minha convicção que todos riem. Mas como poderia deixar de acreditar? Eu vi a verdade. Não a inventei com minha inteligência. Eu a vi, eu a vi, e sua imagem viva preencheu minha alma para sempre. Contemplei-a em uma plenitude tão completa que não consigo acreditar que ela seja impossível entre os seres humanos. Então, como poderia perder o caminho? Desviar-me-ei, certamente, talvez várias vezes, e talvez até fale com palavras alheias, mas não por muito tempo. A imagem viva daquilo que contemplei permanecerá sempre comigo, corrigindo-me e orientando-me.

Ah, estou cheio de vigor, estou renovado, caminho, caminho, ainda que seja por mil anos! Sabem? No início, até desejei esconder que havia corrompido todos eles. Mas isso foi um erro, eis meu primeiro erro! A verdade, porém, sussurrou-me que eu estava mentindo, protegeu-me e orientou-me. Mas não sei como estabelecer o paraíso, porque não consigo expressá-lo em palavras. Depois de meu sonho, perdi as palavras. Pelo menos todas as palavras principais, as mais necessárias. Mas que assim seja. Seguirei adiante e falarei incessantemente, porque, afinal, vi com meus próprios olhos, embora não saiba relatar aquilo que vi.

É justamente isso que os zombadores não compreendem. — Foi um sonho — dizem. — Um delírio, uma alucinação. Ah! Será isso realmente tão sábio? E como se orgulham! Um sonho? O que é um sonho? E nossa própria vida não é um sonho? Direi ainda mais: que tudo isso jamais se realize, que o paraíso jamais venha a existir — pois até isso eu compreendo! —, ainda assim continuarei pregando. E, entretanto, tudo é tão simples! Em um único dia, em uma única hora, tudo poderia ser resolvido! O principal é amar os outros como a si mesmo.

Eis o essencial, e isso é tudo. Nada mais é necessário. Imediatamente se encontrará a maneira de viver. E, entretanto, essa é apenas uma velha verdade, repetida e lida bilhões de vezes, mas que jamais conseguiu estabelecer-se entre nós! "A consciência da vida é superior à própria vida, o conhecimento das leis da felicidade é superior à própria felicidade." É contra isso que devemos lutar! E lutarei. Se todos verdadeiramente desejarem, tudo se resolverá imediatamente.

E aquela pequena menina, eu a reencontrei... E seguirei! E seguirei!

Fim

Biblioteca Digital

Instituto Prisara • eCursos Livres

Esta edição integra uma proposta de divulgação de clássicos da literatura mundial, com acesso digital e incentivo à leitura.

www.ecursoslivres.com.br

www.institutoprisara.com.br

Coleção Clássicos da Literatura Mundial — 2026